

REDE COMO SANTUÁRIO NA AMAZÔNIA

- Texto de Joanhina Madeira, CIC e Rede itinerante.joahmadeira@hotmail.com -

Você já parou para pensar, sentir, experimentar as várias funções que tem uma rede na Amazônia?

A vida na Amazônia é itinerante, com pouca estrutura e muita flexibilidade. O povo ribeirinho constantemente com instabilidades, ora cheia, ora seca. A rede facilita o traslado, a acolhida de quem chega visitando as famílias amazonenses. Em um pequeno espaço dá para dormir várias pessoas. O Papa Francisco, em QA.98, fala sobre a necessidade de constituirmos uma vida leve na Amazônia acompanhando a condição de vida.



Nestes quatorze anos de Amazônia venho experimentando muitas sensações, sentimentos e experiências que no aconchego da rede eu fui ressonando, acolhendo e integrando-os fazendo com que eles se tornassem corpo do meu corpo sangue do meu sangue. Devido a pouca estrutura que temos, como Itinerantes na Amazônia, nos acostumamos a dormir também em rede. Os espaços são vitais e são aproveitados de acordo com as necessidades da Comunidade itinerante, ou seja, nada ou quase nada é estável ou irremovível. Ultimamente tenho vivido um processo de integração bastante intenso. Por necessidade e fisiologia.



Com frequência cedo ao despertar-me já me conecto com a palavra de Deus de cada dia, alimento cotidiano que jamais deixei de dar prioridade. É um alimento que vem me sustentando convidando a respostas ousadas a cada dia. É na rede que reflito, avalio meu dia e é nela que acolho as mais diversas intuições. Revisão de vida, sentir onde dói o corpo e como a rede ajuda a bem dormir e acordar disposta/disposto a *“estar onde ninguém quer estar, como ninguém quer estar e com quem ninguém quer estar”*. Nela, eu me sinto segura, em privacidade; um espaço só meu onde posso sonhar, rezar, pensar avaliar acolher os mais diferentes momentos, as mais distintas pessoas do convívio e, sobretudo o carinho daquele que me ama, chama, ampara, envia e sustenta nas itinerâncias interiores e geográficas (*“Uma não acontece sem outra”*).

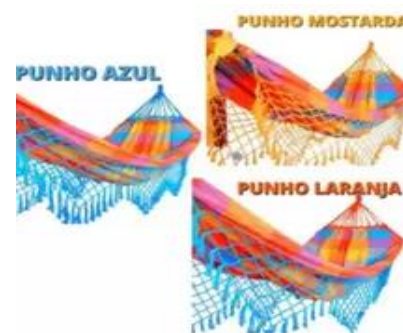
Também acredito que é na rede que muitos indígenas e amazônidas foram gerados. Portanto, lugar sagrado além de cama, lugar de acolhida, do gerar vida em dia chuvoso. Aqui me recordo uma expressão de uma amiga nos dias chuvosos amazônicos que dizia sorrindo: *“hoje é dia de fazer barrigudinho”*. Por isso arrisco em dizer que a rede também é lugar sagrado onde muitas vidas foram geradas.



Me recordo que um dia na mesma rede éramos três pessoas, o gancho aguentou, eu chorava e as outras duas queriam me consolar para eu aceitar meu momento de crise. Obrigada meus irmãos e irmãs de almas e travessias! A cercania de vocês tem sido o carinho de Deus em minhas travessias existências. Gratidão. O Universo se manifesta de muitas maneiras em nossas travessias.

Mas, confesso que já caí três vezes dela por falta de experiência ou de atenção, mas o tombo não foi fatal. Não quebrei nada, e as dores ficaram para lembrar que tudo na vida tem prós e contra. Da cama também a gente cai, verdade? Você quantas vezes já caiu da cama ou da rede...? Rede que acolhe, incomoda quando os ganchos fazem barulho por estar ressecados, mas refresca quando faz aquele calor tropical. A rede representa também o coração amazônico sempre acolhedor que nos acolhe em suas casas.

Assim como há diversidades na Amazônia, e a sua biodiversidade nos encanta e nos surpreende, assim também há uma variedade e diversidade de redes nas regiões amazônicas e nordestina. Há uma variedade de redes, varandas tecidos leves, artes enfim, as redes são uma mescla de fios tessituras. Tramas e destrezas. Daquelas e aqueles que as tecem, costuram, bordam, pintam, amarram. Enfim uma rede tem muitas mãos que as tecem, e muitos corpos que as habitam. Muitos sonhos que se intercalam e se concretizam após serem acalentados no interior delas.



Muitas vezes recebemos pessoas que nos visitam e que nunca dormiram em rede. Nossa tarefa é ajudar esta pessoa a se familiarizar com a rede. Há um jeito próprio de deitar e se sentir confortável. Saber amarar para garantir que não vai cair durante a noite. Ontem mesmo recebemos um missionário Palotino de Camarões e passou a noite aqui. Oferecemos-lhe a rede para passar sua noite aqui na fronteira. Ele disse que já havia dormido uma vez em rede na praia. Então já havia sido introduzido. Outro companheiro da Argentina veio viver com a gente um tempo e

também veio com sua rede e precisamos oferecer outra um pouco maior e mais relaxada porque ele era grande e a rede que trouxera não o acolhia bem.



A rede é uma forma simples de viver e se relacionar. É um exercício de aprendizagem. Saber dormir na rede é um saber tradicional de algumas regiões do Brasil. E, aos poucos, vai se espalhando assim como a globalização que leva tudo para todos os lugares. Em vários lugares do Brasil já se vê o uso de rede.

Até na Europa já se vê alguns voluntários que vem para a Amazônia e gostam de dormir na rede; ao retornar levam uma rede e procuram um jeito de colocar a rede nas bonitas casas que possuem. A rede possui um encanto próprio. Há uma mística própria que nos atrai, nos conecta, nos irmana; nos humaniza e horizontaliza.

Dependendo das regiões e povos variam as características das cores, tecido, bordados e varandas; peso, largura e espessura. Há alguns povos indígenas que tecem as redes com fibras de plantas. Totalmente original. Outros plantam algodão com o objetivo tecer bonitas redes. E há o algodão que já é colorido. Eu nunca tinha visto algodão colorido, mas visitando uma aldeia no Rio Iaco, vi este algodão e umas mulheres indígenas que estavam fiando-o para depois tecer uma rede bem bonita.

Atar as redes é um aprendizado e requer habilidades. Uns fazem nó que nunca desata. Outros amarram e na primeira sentada o habitante cai ao chão. No encontro da Equipe Itinerante de 2022, em um local muito bonito, no meio da floresta amazônica peruana, uma rede desafiou o mais habilidoso seringueiro. Ele tentou amarrar a rede de maneira que a pessoa pudesse se deitar cômoda e dormir. Por falta de ganchos para pendurar tiveram que improvisar, atando as redes nas varandas e nas brechas da madeira de uma bonita casa, mas inapta para as redes. O seringueiro amarrou, desamarrou, e nada de dormir em uma posição cômoda. Estava muito estirada. Outros recém-chegados se acercaram e, após várias tentativas, não tiveram resultado. Por causa de tantas tentativas se deu o nome de “A sagas da rede”. Chegou à noite e nada. O jeito foi substituir aquela rede nova e complicada por outra mais simples e já usada, para que a pessoa pudesse dormir. Tudo está relacionado com o espaço; posição, o tamanho da corda a altura. Enfim dormir em rede parece simples, mas exige dos que chegam a Amazônia uma certa aprendizagem, que só os que aqui vivem sabem.



Uma das assessoras bolivianas do encontro dormiu por primeira vez na rede. Ao final do encontro ela pediu que queria comprar alguns ganchos (chamados 'armadores') para levar para Bolívia. Queria colocar rede em sua casa. Fui com outra colega do lado brasileiro e compramos três pares de ganchos. Edimilson, amazonense experiente, foi mostra-lhe mais ou menos a posição e distancia um gancho do outro. Surpresa ela olhou e disse: "*na minha casa não tem parede!*". Esta foi boa, pois sem parede não dá para colocar os 'armadores'. Terá que buscar outras alternativas. Coluna, caibro, pilastra, etc.

Bonito mesmo é quando se viaja de barco. Uma semana subindo e três dias descendo o Rio Solimões, ou o Rio Negro entre outros. A paisagem é linda. Um colorido variado. Redes de todos os tamanhos e cores. Os passageiros chegam cedo ao porto para atar suas redes e escolher um bom lugar. Certa vez viajei neste trajeto e, como era final de ano, havia tanta gente que quase não sobrava espaço para todos, entre pacotes, bolsas e encomendas. Era mais gente do que o permitido. Uma experiência em que cada um fica responsável por seu espaço e pela segurança dos seus pertences.



Algumas vezes acontecem pequenos e ou grandes furtos. Alguém fica na espreita, pronto para praticar o furto quando outro alguém se distrai. Bom mesmo é viajar em grupo para que sempre haja alguém olhando... ou, como estratégia, amarrar todas as bagagens com uma corda. Via-de-regra, a viagem é tranquila, mas alguma vez podem ocorrer alguns furtos de pertences durante a viagem. Mas há também solidariedade. As pessoas se emprestam extensões para carregar o celular ao longo da viagem. De uma rede a outra a distância é pequena e se criam relações. Querendo ou não, se esbarra, cutuca, ou dá trombada, e um bate na rede do outro na hora do sono profundo. Mas, tudo faz parte da viagem.

Como o trajeto é longo há várias maneiras de se aproveitar o tempo, contemplar as lindas e diversas paisagens, ler conversar, dormir, comer as boas comidas que o barco oferece como parte do pacote. Café, almoço e janta, banho, etc. No último andar há sempre uma cantina que vende lanches, bebidas, água etc. Tem um som que convida os viajantes a estar ali se divertindo enquanto o barco vai deslizando nas águas calmas dos rios amazônicos.



A última experiência em rede subindo o Rio Negro até a fronteira com Colômbia e Venezuela. Foram três dias de Manaus até São Gabriel da Cachoeira e mais três dias de São Gabriel até San Felipe. No primeiro trajeto o barco era um pouco pequeno comparando com os de três andares que normalmente fazem os percursos, chegamos um pouco tarde e já quase não havia espaço para nós cinco que íamos viajar. Mas aos poucos fomos ajeitando-nos e cada um encontrou um lugar, três próximos da cozinha e dois um pouco mais afastados. Um teve o desfavor de ser roubado. Um chinelo grande e confortável deixado à vontade. Ao parar em Santa Isabel, desembarcaram vários passageiros e o dono dos chinelos se deu conta que estava sem seus chinelos. Chegando a São Gabriel comprou outros. Mas a sensação ruim fica na gente. Precisa ficar de olho.

Uma das companheiras Giulia vinda da Europa também após fazer a experiência da Rede desejou levar uma para Áustria porque gostou e sentiu que poderá continuar essa experiência começada na Amazônia. Rede de mistérios e encantos. Existem umas redes bem leves, compradas por internet ou nas lojas esportivas Dekatlon. Ajuda no traslado, é leve e vem com mosquiteiro. Não ocupa muito espaço. Nas aldeias pode ser um pouco fria pelo material de Nylon. As de algodão são mais confortáveis. Ou seja, cada um faz a sua experiência. Vi um voluntário cair de uma destas no barco indo a Maués, baixo Amazonas. Sentou-se e foi ao chão, pois a rede rasgou ao meio. Parece que o jovem inexperiente sentou na beira e a rede não aguentou o peso ou o tecido estava podre. Não sei bem o que aconteceu com aquela rede. Acidentes continuam acontecendo.



Se você é candidato à missão ou a alguma experiência na Amazônia, desfrute o prazer da rede. Ela fascina e ajuda a descansar. Gratidão Amazônia, por tantos aprendizados que você nos dá e possibilita através da rede: construir pontes e nas horas de folga balançar nela, o que nos faz sonhar embalando sonhos e sombras.

